

E eu via quase de perto

Marcelo Campos

A juventude guarda sempre certo grau de insatisfação. A idéia de sobrevivência plena é partidária de concepções anciãs, estender o perene, atrasar a validade das coisas. Mas, ao tratarmos dos modos de ver, do interesse e do desejo de descobrir o mais de perto, podemos perceber empenhos para se aproveitar quaisquer réstias de tempo que coadunam desde a utopia das gramíneas à proteção do âmbar. Por um lado, aproveitar o que resta pode parecer desespero por permanecer no presente, vontade de não perecer; por outro, ao contrário, aproveitar todos os pedaços, qualquer parte, a mínima fresta, é ainda poder disparar para o porvir. Atentar para o que já existe, observar os avessos é não ter que decidir pela aresta mais ou menos importante, quando tudo e nada interessam.

Os trabalhos de Felipe Abdala e Luiza Crosman tratam destes modos de ver quase de perto. Em diferentes materialidades, utilizando distintas mídias, os artistas percebem elementos que emergem de relevos ou ativam marcas do tempo ou possibilitam pulsações que se tornam potentes na visualidade. Assim, entre fotografias, desenhos, filmes mergulhamos na observação de gestos iminentes, da pretensão de agir, agir sem completar a linha de demarcação. O limite não seria interesse, então, fundamental para o que observamos. O limite pode se chamar narrativa, pode configurar certezas. E a escuta, a atenção dos artistas recai, sempre, em um rastilho de idéias, ao ínfimo, ao átimo do tempo, nunca ao protagonismo.

Luiza Crosman pesquisa o tempo, as condições sensoriais, as erupções que parecem conviver por entre situações as mais corriqueiras: a pulsação das artérias, por exemplo. De outro modo, Luiza lança-se à insistência, a agir apesar de tudo, enquanto o espectador espera, entre a curiosidade e a frustração de não ver o fim. Luiza, assim como Felipe, atenta para as marcas, os vincos, as dobras que tanto denunciam uma manipulação quanto aparentam a condição de arquivo, de guardado. Luiza Crosman também exhibe outra condição conceitual, a nomeação. Em papéis vincados, Luiza tenta fazer da palavra uma bússola, e enuncia, etiqueta palavras geográficas, como se nos conduzisse a sinalizações, nos localizasse possibilidades, espaços, lugares: pela frente, uma parte aqui, por trás.

Felipe Abdala empenha-se no gesto, força o grafite que preenche cadernos inteiros, carimbos, ou marca geometrias diretamente sobre as paredes. Depois de preenchidas, as áreas do papel são transferidas pelo folhear das páginas para situações que objetivam um certo espelhamento, impossível, incompleto. E aí, o corpo mostra-se errático, falha na tarefa de parecer simulador ou no cuidado sobre-humano de não manchar, de fixar o grafite que, agora, se expande. O artista, então, faz de si um emulador, aquele que concorre, rivaliza consigo mesmo. Em distintos trabalhos, Felipe Abdala marca, mancha, suja e espera o tempo agir sobre a manufatura. Nestes instantes, temos contato com a matéria, condição tátil, expansiva, do corpo e do desenho, que também interessa à Luiza.

No abril, no frescor, no viço dos trabalhos apresentados em “E eu via quase de perto”, temos a vontade material, espiritual, desejante de não se fixar.